

Historiografia e habitação social: temas e lugares por meio dos manuais de arquitetura brasileira

Flávia Brito do Nascimento

Arquiteta, professora de História da Cidade e de patrimônio cultural da Escola da Cidade, Rua Bocaina, 23/54, Perdizes, CEP 05013-030, São Paulo, SP, (11) 3875-1132, (11) 9 7656-8959, flaviabn2010@gmail.com

Resumo

O presente artigo estuda a relação entre historiografia da arquitetura moderna brasileira e a habitação de interesse social, buscando problematizar o tema a partir dos textos canônicos. Objetiva levantar a perspectiva de compreensão das construções para as camadas populares vinculadas às expressões modernas e a atribuição de valor às mesmas no processo de escrita da história da arquitetura nacional. Buscaremos verificar como se constituiu versão historiográfica da arquitetura moderna brasileira que, ao colocar foco em certos personagens e eventos, gerou zonas de sombra nas realizações de âmbito estatal para atender às demandas cada vez mais prementes de moradia operária.

Palavras-chave: habitação social, arquitetura moderna, historiografia.

(...)a arquitetura no país de vocês corre o risco de tornar-se um academicismo antissocial. (BILL, 1954)

Desde a Revolução de 30 e com ação efetiva a partir do Estado Novo em 1937, que o estado varguista toma para si a tarefa de construção do “homem novo”. Esta passava necessariamente pelas transformações do habitar e pelas mudanças de foro doméstico do trabalhador nacional, que deveria ser de um lado valorizadora da família e dos ideais de constituição nacional, mas também insensoras deste mesmo trabalhador na ordem de progresso e reconstrução pretendidos. Para atender a este objetivo foram construídos inúmeros conjuntos residenciais pelos Institutos de Aposentadoria e Pensões, que tinham em seus quadros arquitetos vinculados às expressões modernas. Tais edificações, contudo, não alçaram destaque na problematização e na construção narrativa da história da arquitetura nacional, cujas razões se põe em foco neste artigo.

Para realizar o presente estudo, fizemos uma análise nos chamados de manuais da história da

arquitetura moderna nacional. Conforme os estudos de Carlos Martins (1999) e Nelci Tinem (2006) mostraram, estas publicações consolidaram dada história da arquitetura brasileira chamada de versão canônica, urdida decisivamente por Lucio Costa em “Razões da nova arquitetura” e “Depoimento de um arquiteto carioca”. Nesta história se valorizaram as inovações brasileiras na relação com meio, como a utilização de quebra-sóis (brises e cobogós) e o papel fundamental da arquitetura colonial, além de ser silente em relação a quase todo o século XIX, ressaltando-se o neoclássico. Os eventos ligados ao concurso do MESP e à vinda de Le Corbusier tornaram-se cruciais, seguidos da primazia aos arquitetos cariocas em contraste ao pequeno papel dos paulistas e de Warchavchik, e, sobretudo, o destaque a Oscar Niemeyer, gênio nacional comparável a Aleijadinho, segundo afirmação de Lucio Costa feita em “Depoimento de um arquiteto carioca” de 1948, em resposta ao artigo

de Warchavchik intitulado “Falta um depoimento de Lucio Costa”.

Foram selecionados exclusivamente os textos que apresentavam visão geral da história da arquitetura, escritos como compêndios, ficando excluídos os de caráter monográfico que enfocam arquitetos específicos. Analisou-se em detalhe os livros de Philip Goodwin (“Brazil Builds”, 1942), de Mindlin (“Arquitetura moderna no Brasil”, 1956, 1ª edição; 1999, 2ª edição) e de Bruand (“Arquitetura contemporânea no Brasil”, 1979, 1ª edição; 1991, 2ª edição). De modo a subsidiar a investigação, procedeu-se também o estudo, em caráter complementar, dos livros de Nestor Goulart (“Quadro da arquitetura no Brasil”, 1970, 1ª edição), de Paulo Santos (“Quatro séculos de arquitetura”, 1977, 1ª edição, 1981, 2ª edição), de Lemos (“Arquitetura brasileira”, 1979), finalizando com o livro de Acayaba e Fischer (“Arquitetura moderna brasileira”, 1982). Os trabalhos posteriores, sobretudo a partir da década de 90 não foram incluídos por representarem o momento de revisionismo historiográfico e de atribuição de valor de modo mais sistemático à produção brasileira moderna.

Pareceu-nos interessante compreender como se deu a construção historiográfica acerca do habitar moderno nestes textos, percebendo os meandros do tema. Importando, com isso, mostrar não o caráter mais ou menos verídico de cada interpretação, o que seria impossível, mas como se consubstanciou esta visão, buscando decodificar os textos à luz das revisões historiográficas que se tornaram tão necessárias.

Procurando a morada moderna na “trama narrativa” da arquitetura

Yves Bruand encerra a Introdução de seu livro “Arquitetura Contemporânea no Brasil”, texto chave na construção e consolidação de dada versão interpretativa da arquitetura nacional (MARTINS, 1999; TINEM, 2006), sistematizando a produção que trata de mostrar nas páginas seguintes:

As principais características da arquitetura brasileira no século XX, todas elas decorrentes das condições históricas vigentes no país na época, são então as seguintes: predominância da arquitetura urbana, ausência quase total de preocupações sociais,

importância fundamental dos edifícios públicos, prioridade às realizações de prestígio, preocupação com a personalização e com o aparato formal, nítido desejo de conceber uma arquitetura atual, voltada para o futuro mas sem desprezar os valores do passado, conflitos e tentativas de conciliação entre, de um lado, o apelo revolucionário e ao apego à tradição, e, de outro, a sedução por tudo que é estrangeiro e o orgulho nacional. (BRUAND, 1979, p. 29)

Dentre as características que o historiador enumera, destacamos “a ausência quase total de preocupações sociais”, que será particularmente cara à constituição da historiografia da arquitetura brasileira, estando em pauta a relação entre funcionalidade e formalismo, e sua ocorrência ou não nos exemplares aqui construídos. Repetidamente levantou-se o debate sobre se teriam estado os arquitetos modernos brasileiros à margem de tema tão central do pensamento e das realizações além-mar, como se colocou no CIAM de 1929, realizado em Frankfurt dedicado à habitação mínima. A posição de Bruand é clara: a única e louvável exceção são os Conjuntos Residenciais de Pedregulho e da Gávea, projetados por Affonso Eduardo Reidy, o mais corbusiano dos arquitetos vinculados ao moderno. (BRUAND, 1979, p.223 e 375) Está na base desta visão, dada forma de entender as manifestações de arquitetura moderna que deu destaque a certas obras, às expensas de outras, como seria o caso dos programas de habitação popular.

Carlos Martins mostra que houve o estabelecimento do que ele denomina de “trama narrativa” da arquitetura brasileira em que o arquiteto Oscar Niemeyer é o principal protagonista, confundindo-se ele mesmo com a institucionalização da arquitetura, em detrimento da vasta produção em todo território nacional de diversos autores. Martins interpreta que tal matriz de leitura que se tornará recorrente na historiografia inaugurada pelo livro e exposição homônima “Brazil Builds”, que, para além de detonar uma onda internacional de divulgação da arquitetura moderna nacional, estruturou a ideia de indissociabilidade entre originalidade da arquitetura brasileira e de sua identificação com a articulação entre modernidade e tradição, sustentado pela necessidade de afirmação ideológica do aparato estatal varguista. (MARTINS, 1999)

Na narrativa que acompanharemos, a arquitetura colonial tem papel central, assim como a hegemonia da linguagem de raiz corbusiana, impulsionada pela presença do homem de Estado, o Ministro Gustavo Capanema, que proporcionou a verdadeira revolução arquitetônica ao viabilizar a construção do Ministério da Educação e Saúde Pública, o marco inaugural na cronologia do moderno nacional. Na sucessão de arquiteturas e arquitetos, teriam sido excluídos, ou, ao menos, não inseridos na trama, a produção escolar e a habitação social.

Desde os anos 80, e com mais efetividade nos anos 90, que acontece no Brasil o incremento das pesquisas em história da arquitetura, possibilitadas por razões institucionais, como o aumento do número de programas de pós-graduação. Mas também, em grande medida, pelo distanciamento cronológico das realizações do moderno e mobilizados por seu processo de historicização. É o que percebia Miguel Alves Pereira, no prefácio ao livro de Fischer e Acayaba de 1982:

Finalmente, vale destacar que esse livro, como tentativa ou como ensaio de organização de uma abordagem da arquitetura brasileira, é também o arcabouço prefigurado de um debate próximo, no momento em que não mais se duvida do cansaço presente dos cânones do movimento moderno, e muita gente, despreparadamente, já começa a engolir os pastiches do chamado pós-modernismo. (PEREIRA, 1982, p. 7, grifos meus)

Neste processo de incremento das pesquisas em história da arquitetura e do urbanismo, criam-se novos objetos e novos problemas, a espelho dos paradigmas metodológicos estabelecidos pelas disciplinas da antropologia e da história, os quais estabeleceram pontos de vista e crivos interpretativos para o tema da moradia popular.

Estudos sobre condições de vida do trabalhador e operariado serão profícuos neste período. Entender os processos de modernização da cidade, relação entre homens livres brancos e ex-escravos e seu lugar na trama urbana, são ambições dos trabalhos clássicos de historiadores como Sidney Challoub ("Lar, trabalho e botequim", 1986), Lia de Aquino ("Habitações populares", 1986), de Oswaldo Porto Rocha ("A era das demolições", 1986), sobre a história das transformações urbanas e suas relações

com o habitar popular na cidade do Rio de Janeiro, ou os de Margareth Rago ("Do cabaré ao lar – a utopia da cidade disciplinar. Brasil: 1890-1930", 1985), de Eva Blay ("Eu não tenho onde morar", 1985) e de Marisa Carpintéro ("A construção de um sonho: os engenheiros-arquitetos e a formulação da política habitacional do Brasil", 1997).

Seguindo a linha de pesquisa sobre o popular e suas interfaces com os temas da cidade e do urbanismo, podemos agrupar outro conjunto de estudos sobre as imbricadas relações entre habitação social, transformação do trabalhador, constituição do estado de bem estar social e o papel da arquitetura moderna. São autores como Cavalcanti (1987), Bonduki (1998), Antunes (1997), Bruna (2010), Nascimento (2008, 2011) e Botas (2011) que mostraram como carência de habitação e arquitetura moderna despontaram no cenário nacional como temas centrais de engenheiros, arquitetos, sanitaristas e assistentes sociais ainda na República Velha, e atingiram a agenda de realizações estatais de modo efetivo com a Revolução de 30. Tais pesquisas buscaram responder de modo mais ou menos explícito à dita "versão canônica" da história da arquitetura brasileira, tomando parte no esforço de âmbito mais amplo de revisão da mesma. Neste processo, identificou-se não mais a hegemonia de um arquiteto e suas arquiteturas, mas diversidade desta produção. (CAMARGO, 2006) No caso específico do tema da moradia, a revisão tratou de mostrar que houve a preocupação com a habitação popular e que os arquitetos modernos brasileiros não estiveram à margem das questões da transformação da sociedade por meio do habitar.

Certamente Pedregulho foi o conjunto que mais se destacou, até no exterior, pela genial solução de sua implementação, mas essa repercussão acabou obscurecendo outras realizações importantes no campo da habitação social, contemporâneas ou anteriores, todas elas parte de um "ciclo de projetos habitacionais" de grande relevância para a arquitetura brasileira e para a origem das políticas sociais de habitação. (BONDUKI, 1998, p. 133-134)

Ainda que esteja claro que na tessitura da narrativa da história da arquitetura brasileira a habitação social não tenha sido destacada, uma rápida verificação dos livros de Goodwin e Mindlin, ambos decisivos na divulgação e concatenação da narrativa

historiográfica brasileira, encontrará, por exemplo, os conjuntos residenciais de Realengo e Vila Guiomar de Carlos Frederico Ferreira e o conjunto residencial de Paquetá, de Francisco Bolonha. Foram dados a conhecer, mas não ganharam sentido na plêiade de arquitetos, eventos, programas e arquiteturas aos quais se ensejou valor histórico.

Neste sentido é importante a observação de Martins, que aponta a necessidade de se entender a história e a crítica como elementos que se agregam à obra, capazes mesmo de reconstituí-la por sua inserção em uma trama que o recoloca e reconverte. Podemos somar a afirmação do autor grego Tournikiotis de que a história é ela mesma construtora das visões e versões da arquitetura. Em seu estudo sobre a historiografia da arquitetura moderna, trata de mostrar como cada um dos autores que escreveram livros sobre o assunto, buscou dar sentido à história a partir da eleição de justificativas e arquitetos. Para Tournikiotis, não há nem fatos, nem arquitetura, apenas narrativas. O que importa, então, não é a diferença entre nomes, fatos e projetos de uma e outra história e a sua autenticidade, mas a diferença entre os textos. Não há história verdadeira, ou mesmo a História da arquitetura moderna. (TOURNIKIOTIS, 1999)

*A importância está na tessitura dos próprios textos históricos – ela é aquilo que revela (no sentido fotográfico) de fato a trama ou a intriga das histórias sucessivas. Portanto, também revela as diferenças entre os discursos enunciados pelos historiadores, e projeta a interpretação do passado na arquitetura do presente – ou melhor, na arquitetura que deve acontecer nos anos por vir. Há muitas histórias da arquitetura moderna, mas nenhuma (...) descreve o campo real em sua completude. Nenhuma é verdadeira, nenhuma é a História da arquitetura moderna, e nenhuma poderia ser.*¹ (TOURNIKIOTIS, 1999, p.237, tradução da autora)

Não se trata, portanto, como já enunciamos, de buscar esta ou aquela versão, de mostrar por meio das evidências da história da arquitetura o quão este e outro arquiteto estiveram envolvidos com dado tema ou programa. Mas sim, para o caso deste estudo, apresentar a construção dos sentidos da habitação social no âmbito da história da arquitetura nacional.

Entre ausências e presenças: a habitação popular nos manuais de arquitetura

Em 1954, no especial promovido pela revista *Architectural Review* após a realização da II Bienal de São Paulo, Max Bill expõe em detalhe as propaladas críticas à arquitetura moderna que haviam sido publicadas pela revista *Manchete* em 1953. Seu incômodo advinha da percepção de que não havia preocupações sociais na arquitetura moderna brasileira, a este momento já amplamente divulgada internacionalmente seja pelo Pavilhão Brasileiro na Feira de Nova York de 1939, por Lucio Costa e Oscar Niemeyer, seja pelo livro e exposição do Museu de Arte Moderna de Nova York:

E Max Bill começa:

*Começamos, portanto, por destacar aqueles elementos na arquitetura brasileira que merecem um comentário. Eu encontrei quatro desses elementos, importantes porque eles encarnam aquilo a que chamarei de “espírito acadêmico modernizado”; eles se equiparam aproximadamente àquelas colunas de templos gregos, ou seja, tornaram-se meras fórmulas observadas sem uso do pensamento ou da razão.*² (BILL, 1954, p.288, tradução da autora)

O crítico prossegue mostrando que tais elementos que exemplificavam o que chamou de “espírito acadêmico modernizado” eram a forma livre, os panos de vidro, os brises-soleils e o piloti. Todos, talvez à exceção dos panos de vidro, elementos essenciais na constituição da própria identidade da arquitetura nacional conforme estruturado por Goodwin e Costa, até este momento. Se para o suíço o Pedregulho era a ressalva necessária (“a work as completely successful from the standpoint of town planning as it is architecturally and socially”) o fazia porque entendia a arquitetura como arte social que deveria servir ao homem. (BILL, 1954, p.289)

Fica claro neste episódio de Max Bill, como a história informa a realidade e vice-versa. O suíço estava dialogando com dada interpretação da arquitetura, que, rapidamente, tornou-se a própria arquitetura. Estava dialogando com a visão inaugurada por Goodwin construtora desta narrativa da história, cuja pregnância já era percebida pelas afirmações do suíço.

¹ No original: *The importance is in between the warps and woofs of the historical texts themselves – it is that which truly develops (in the photographic sense) the plot or intrigue of the sucesive histories. Therefore it also develops the differences among the discourses enunciated by the historins, and it projects the interpretation of the past onto the architecture of the present – or still better, onto the architecture that ought to happen in the years to come. There are many histories of modern architecture, but none of them (...) describes the real field in its entirety. None of them is true, none of them is the History of modern architecture, and none of them could be.*

² No original: *Let us start, then, by singling out those elements in Brazilian architecture which call for remark. I have found four such elements, important because they embody what I shall refer to as ‘the academic spirit modernized’; They stand roughly on a par with those columns of Greek temples which I mean that they have become mere formulae observed without thought or reason.*

O livro de Philip Goodwin, "Brazil Builds - Architecture New and Old 1652-1942", responsável pelo primeiro impacto internacional da arquitetura moderna brasileira, foi escrito inicialmente como catálogo de exposição do Museu de Arte Moderna de Nova York, o MoMA, realizada em 1942. O Departamento de Arquitetura do Museu organizou sua primeira exposição em 1931, chamada "Modern Architecture: International Exhibition", com a curadoria de Hitchcock e Johnson. Seu enorme sucesso levou a várias outras exposições dedicadas ao tema, como a Frank Lloyd Wright, Le Corbusier e a Bauhaus. Com a II Guerra Mundial, o museu voltou-se a temas do próprio Estados Unidos e para países mais neutros, como a Suécia e o Brasil. A exposição "Brazil Builds" já era almejada desde a Feira Internacional de Nova York, motivada pelo sucesso do Pavilhão Brasileiro, e foi ocasionada em parte como política de boa vizinhança norte-americana e em parte para investigar o avanço desta arquitetura moderna que era conhecida por meio das revistas. (QUEZADO-DECKER, 2001. pp. 89-93)

A ênfase nos cariocas, o silêncio em relação ao papel de Warchavchik e os vínculos com o esquema teórico proposto por Lucio Costa, no dizer de Carlos Martins, não são simples coincidências. (MARTINS, 1999, p. 11) Para Goodwin, a singularidade da arquitetura brasileira devia-se à sua relação com o meio e ao conseqüente desenvolvimento de elementos para amainar seus efeitos. Os mesmos de que falava Max Bill: brises, cobogós, pilotis. E também do estabelecimento de laços com o tradicional, com a arquitetura colonial, reutilizando alguns de seus elementos, como os azulejos. Os edifícios públicos aparecem no livro "Brazil Builds" em maior número e há grande destaque para o Ministério da Educação e Saúde Pública, para o Conjunto da Pampulha e para o Pavilhão do Brasil em Nova York.

Quando Goodwin vem ao Brasil em 1942 para realizar o livro, o programa de habitação popular dos Institutos de Aposentadoria e Pensões já estava iniciado, mas era possível visitar apenas algumas poucas obras, como o Conjunto Residencial de Realengo no Rio de Janeiro e o Conjunto Residencial Vila Guiomar em São Paulo, e o Conjunto Residencial de Olaria do engenheiro Ulisses Hellmeister, além de outros que estavam em fase de projeto, como o Várzea do Carmo em São Paulo de Atílio Correa

Lima. Estas obras são observadas com interesse pelo americano e são mencionadas em "Brazil Builds":

Há um grande número de projetos, alguns em plena execução, de conjuntos de habitações baratas, tal como se deu na Europa e, mais recentemente, nos Estados Unidos. Atílio Correa Lima é o autor de um grande risco destinado a um bairro industrial de São Paulo. Está nele incluído certo número de altos sobrados de apartamentos, oficinas e outras instalações gerais. Realengo é uma interessante experiência de habitação coletiva, compreendendo tanto casas de apartamentos como residências isoladas. (GOODWIN, 1942. p. 96, grifos meus)

O Conjunto Residencial de Realengo, implantado entre 1939 e 1943, foi projetado por Carlos Frederico Ferreira, arquiteto destacado na burocracia varguista na implementação do programa de habitação popular. Foi chefe do setor de arquitetura e desenho da Divisão de Engenharia do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários desde a criação das Carteiras Prediais até sua extinção em 1964 e também autor, ainda na década de 1930, do Conjunto Vila Guiomar, em Santo André/SP. (BOTAS, 2011)

Goodwin dedica quatro páginas de seu livro ao Realengo: "um grande projeto de casas baratas construídas pelo Instituto dos Industriários." E dois elementos lhe chamam a atenção: a caixa-d'água e os corredores abertos que dão acesso aos apartamentos do grande bloco residencial. Da torre de abastecimento, que se tornou marca destes empreendimentos, Goodwin impressionou-se por sua beleza plástica, já estes eles equipamentos "raramente são tão decorativos." (GOODWIN, 1942, p. 126) Sobre o edifício de apartamentos, que estava em construção, não foram as famosas varandas bauhausianas que achou válidas de sentido, mas o grande corredor aberto e ventilado, que protegia das intempéries, ao mesmo tempo em que garantia a ventilação constante, perfeitamente condizentes com o clima tropical:

Os andares superiores contêm pequenos apartamentos que dão para as galerias abertas. Unicamente as janelas altas das cosinhas e dos banheiros abrem-se para elas. Quartos e salas comunica-se com o lado este.

Este tipo de planos, muito desenvolvido na Europa há alguns anos, adapta-se admiravelmente ao clima do Brasil, pois cada apartamento recebe a mais completa e livre ventilação. (GOODWIN, 1942. p. 128)

Nenhuma palavra sobre o inovador sistema construtivo do conjunto que utilizava uma máquina de blocos de concreto numa tentativa de racionalização da construção, ou sobre as formas flexíveis de agenciamento interno das casas, feitas por meio de leves placas de madeira que poderiam ser dispostas de acordo com as necessidades da família.

Em 1942 estavam na ordem do dia na cidade do Rio de Janeiro os parques proletários provisórios, construídos em diversos pontos da cidade para substituir as favelas. O programa dos Parques foi basicamente idealizado pelo médico Vitor Tavares de Moura que, em 1940, apresenta plano de estudo que acabou levando à construção de moradias provisórias aos habitantes de favelas. Em maio de 1942 são entregues as primeiras casas do Parque Proletário nº 1, na Praia do Pinto, junto à Lagoa Rodrigo de Freitas. (NASCIMENTO, 2008)

A remoção dramática dos moradores de suas casas foi fartamente debatida nos jornais e Goodwin, mostrando que estava a par do assunto, comenta:

O arrasamento de mocambos, favelas e cortiços está na consciência de todos e os resultados disso são já patentes. Em muitas partes do Brasil, as populações vivem em palhoças de pau a pique com telhado de folhas de palmeira, sapé ou barba-de-bode. As paredes barreadas de muitas taperas servem de ninho ao barbeiro, inseto hematófago transmissor da doença de Chagas. (GOODWIN, 1942, p. 96)

E segue fazendo considerações sobre as soluções para problema da habitação que se mostrava, nos anos 40, tão crucial às cidades brasileiras que viviam explosão de crescimento:

Nas grandes cidades, um grande esforço vai sendo feito no sentido de substituir esses núcleos insalubres por habitações decentes. Essa campanha nem sempre tem sido bem compreendida. O Rio, como dissemos, possui pouca área de terreno plano ou apenas ondulado, próximo ao centro. Si a população que vegeta nos cochicholos das favelas, nas escarpas

dos morros, for removida, para onde poderá dirigir-se a não ser para muito longe ou para os lúgubres alagadiços da baía? Mas essa gente preferiu sempre permanecer agarrada às proximidades das luzes alegres da cidade. A campanha de construções populares tem sido orientada como por um rígido espírito prussiano. Quando libertada dessa dureza e com propaganda melhor certamente esses grupos humanos se disporão a viver nesses novos lugares que lhes são indicados, sem a ojerisa e a aversão que, hoje, os fazem preferir a morte lenta nos morros e nas várzeas. (GOODWIN, 1942, p. 96, grifos meus)

Goodwin tece clara crítica aos projetos de habitação popular que viu em curso no país, admirando-se por sua rigidez e pouco apelo aos futuros moradores, que acabavam preferindo continuar vivendo próximo às possibilidades de trabalho, ou às “luzes alegres da cidade”, como denominou, ainda que morrendo lentamente nos morros e nas várzeas. O americano percebe tratar-se de assunto extremamente delicado e que envolvia fatores distintos das realizações européias e americanas, tais como as diferenças sociais e a mobilidade urbana.

A percepção do autor de “Brazil Builds” traz à tona sentimento mais generalizado de que o problema do habitar moderno em países como o Brasil era de magnitude outra e alvo de disputa de profissionais de diversas áreas, além da arquitetura, como engenharia, medicina e assistencialismo. E dada a repercussão alcançada pela argumentação das inovações técnicas, da adaptação ao meio, da relação com o tradicional que singularizavam a arquitetura brasileira, os temas do habitar (tão caros ao moderno) foram sendo progressivamente transferidos para outro âmbito de discussão que não o da história da arquitetura.

A tensão social e suas relações com a ocupação das cidades e com a arquitetura são percebidas e mencionadas pelos estrangeiros como Giedion, Goodwin e Bruand. Todos, de uma forma ou de outra, farão menção aos problemas sociais encontrados (evidenciados nas favelas que povoavam as paisagens das cidades visitadas) e ao descaso das autoridades.

Na introdução do livro de Henrique Mindlin, o crítico Giedion, em prefácio curto e elogioso, em

tom misto de afirmativa e alerta, comenta sobre o tema racial e da posse da terra:

(...) Contrariamente aos Estados Unidos, o Brasil resolveu o difícil problema racial: no belo conjunto residencial de Pedregulho, negros e noruegueses convivem lado a lado.

Mas há um outro problema que, aos olhos de um estrangeiro, parece constituir uma ameaça à paz interna e ao futuro do país: a vergonhosa especulação com terra, que é o câncer do desenvolvimento do Brasil. Se ela não for combatida sem trégua, o País poderá, decerto, nos oferecer uma excelente arquitetura, mas estará sob permanente ameaça dos tremores da sublevação política.

O Brasil é um país de contrastes, resultado de um período de especulação febril. Barracos toscos pululam como cogumelos nas áreas livres das grandes cidades e nos terrenos, ridiculamente caros, de sua periferia. Nenhum equilíbrio da estrutura social e nenhum planejamento urbano em grande escala serão passíveis antes que esse caos financeiro seja controlado. (GIEDION, 1999, p. 17)

Com Mindlin, o modelo de história da arquitetura se consolida, reforçando as argumentações em favor de dada compreensão do fenômeno arquitetônico nacional, por meio de exemplos fartamente documentados. O objetivo da publicação "Arquitetura moderna no Brasil" foi o de atualizar "Brazil Builds", treze anos após sua edição. O momento de sua publicação, 1956, é bastante diferente, já tendo ocorrido as críticas de Max Bill e está em andamento o concurso de Brasília. Usando o mesmo esquema, traça panorama da arquitetura brasileira desde a colônia, omitindo do século XIX as expressões ecléticas. Vê em Lucio Costa o formulador decisivo da arquitetura nacional e em Le Corbusier papel central na direção do movimento moderno no Brasil. Para Mindlin, as singularidades da arquitetura nacional estariam no uso habilidoso das funções fisiológicas, higiênicas e estéticas do controle da luz, gerando elementos arquitetônicos de grande plasticidade, a integração entre arquitetura e arte, presente nos murais, jardins e azulejos e, algo que não fora pontuado por Goodwin, a presença de engenheiros brilhantes. (MARTINS, 1999; TINEM, 2006)

Dos exemplares de habitação social selecionados por Goodwin e publicados em "Brazil Builds", é reapresentado por Mindlin em "Arquitetura moderna no Brasil", apenas o Conjunto Residencial de Vila Guiomar, que ele nomeia de Conjunto Habitacional para Operários. Na introdução do livro, o arquiteto não faz nenhuma menção à habitação popular, nem mesmo ao Pedregulho, a este momento já publicado exhaustivamente e aclamado pela crítica.

Alguns conjuntos ainda não construídos são publicados na seção inicial dedicada aos projetos em elaboração, numa sequência de pequenas fotos. As maquetes do Edifício Japurá, de 1952, projetado por Eduardo Kneese de Mello, para o IAPI em São Paulo, o Conjunto Deodoro da Fundação da Casa Popular no Rio de Janeiro, de Flávio Marinho Rego, e o Conjunto Residencial Anchieta do Banco Hipotecário Lar Brasileiro, de Paulo Antunes Ribeiro, aparecem ao lado de projetos como o Posto de Motonáutica de Marcos Konder e do projeto para o mercado do Brás de Abelardo de Souza. (MINDLIN, 1999, p. 37 a 41)

O Edifício Fernando Ferrari, projetado pelos Irmãos Roberto para o IPASE (Instituto de Previdência a Assistência dos Servidores do Estado), também um conjunto residencial, porém para o público de classe média, é apresentado como edifício de apartamentos. Embora mencionando o órgão promotor da construção, o edifício não entra na categoria de habitação social. (MINDLIN, 1999, p. 110-111)

Os edifícios do Conjunto Vila Guiomar são apresentados em dois momentos distintos do livro, conforme sua organização temática. A escola, também de autoria de Carlos Frederico Ferreira, na seção denominada "escolas, hospitais, igrejas, prédios esportivos e de recreação, museus e pavilhões de exposições" e os edifícios residenciais na seção "casas, edifícios residenciais, hotéis e conjuntos habitacionais".

Mindlin não deixa de mostrar a caixa d'água do Realengo, já elogiada por Goodwin e, sobre o conjunto, comenta:

Este é um conjunto habitacional para operários, extremamente econômico, com 594 apartamentos. Faz parte de uma grande cidade operária, na qual

está também a escola primária projetada pelo mesmo arquiteto, mostrada na p. 156. Os apartamentos estão agrupados em prédios de três andares, com pilotis, e um escola para cada duas unidades. A área do térreo funciona como um playground, com uma caixa de areia no meio. Os tanques de lavar roupa ali colocados só devem ser usados em caso de emergência. Este projeto é um exemplo típico da prevalência do uso da boa técnica nas construções dos institutos de previdência social. (MINDLIN, 1999, p. 140)

Os conjuntos residenciais do Pedregulho e de Paquetá estavam, em 1956, concluídos ou próximos de sua conclusão, são mostrados em detalhe. Ambos foram construídos no âmbito do Departamento de Habitação Popular, dirigido por Carmen Portinho, e que tinha no corpo técnico Affonso Eduardo Reidy e Francisco Bolonha, respectivos autores dos conjuntos publicados. (NASCIMENTO, 2008)

A obra de Francisco Bolonha é bem apresentada em "Arquitetura Moderna no Brasil". São publicados o Pavilhão de Águas Sulfurosas em Araxá, o projeto para o Jockey Club Brasileiro (em conjunto com Lygia Fernandes, Israel Correa e Giuseppina Pirro), a casa do embaixador Accioly, a Maternidade em Cataguases e o Conjunto Residencial de Paquetá. Este é publicado na sequência imediata do Pedregulho, recebendo três páginas com comentários que explicam a sua organização, o público morador e os elementos de construção, como cobogós e ventilação cruzada. (MINDLIN, 1999, p. 152-154)

Ao Pedregulho são oferecidas dez páginas do livro, com fotos e plantas de cada equipamento do conjunto. Após explicar em detalhe o sistema de organização do conjunto, como o uso da lavanderia, o aluguel descontado em folha de pagamento dos funcionários, o recolhimento de lixo, mostra o porquê de sua importância:

(...) Não é, entretanto, apenas do ponto de vista social ou da técnica de construção popular que o conjunto residencial de Pedregulho se destaca entre os projetos de seu gênero. Ele é, ao mesmo tempo, uma conquista arquitetônica do mais alto nível, que pode ser observada no arranjo plástico dos vários elementos, no tratamento das elevações, válido tanto do ponto de vista estético quanto funcional, e nos trabalhos dos artistas que colaboraram com

o arquiteto (Portinari, Burle Marx, Anísio Medeiros), mostrando todas as diferenças entre a arquitetura brasileira e a arquitetura internacional, da qual se originou. Estas diferenças são igualmente marcantes no projeto de Niemeyer mostrado anteriormente [Centro Técnico da Aeronáutica] (...), e no de Bolonha [Conjunto Paquetá] (...) assim como, a despeito das limitações impostas por condições legais e financeiras inadequadas, também podem ser notadas no projeto de Carlos Frederico Ferreira [Vila Guiomar] (...) (MINDLIN, 1999, p. 142, grifos meus)

O que marca, afinal, a diferença de Pedregulho é sua arquitetura, como já tinha sido dito por Giedion no prefácio ao livro de Henrique Mindlin:

Por detrás do caos dos arranha-céus do Rio e São Paulo, podemos perceber o resultado de um dom inerente para articular volumes (por exemplo, o projeto de Pedregulho de Reidy, 151, página 142, e do Centro Técnico da Aeronáutica de Niemeyer, 1947, página 134) (...) (GIEDION, 1999, p.17)

Pedregulho aparece como a exceção da habitação social, mas como a regra da arquitetura brasileira. Nele está presente todo repertório de elementos e de soluções que davam o caráter das expressões nacionais. Tal caráter foi estruturado a partir do pensamento e ação decisiva do arquiteto Lucio Costa do entendimento do significado do moderno no Brasil. A singularidade da modernidade em países periféricos como o nosso foi de pronto uma questão aos modernistas, os quais, em face da realidade da industrialização e do estágio tecnológico em que nos encontrávamos, elaboraram conceito de moderno articulado aos sentimentos nativistas. Intelectuais como Mário e Oswald de Andrade firmaram que a distinção da produção artística moderna residia no que tinha de particular, no local. (LEONÍDIO, 2007, p. 26-27)

Lucio Costa, operando com a busca da identidade nacional, processa lentamente a partir da década de 1920, em diversos textos, sendo os mais conhecidos "Razões da nova arquitetura" e "Depoimento de um arquiteto carioca", os valores da arquitetura brasileira, articulando sua cronologia e história. O texto "Depoimento...", publicado em 1951, teve início em carta por ele redigida a Gustavo Capanema, a propósito da inauguração do edifício do MESP, em 1945, iniciando a tarefa de sistematizar a história da

arquitetura brasileira. A construção desta memória, iniciada na carta de exaltação aos eventos em torno do MESP, como é sabido, entenderá o Ministério como o edifício-chave, verdadeiro monumento nacional, “o marco definitivo da nova arquitetura brasileira (...) onde a doutrina e as soluções preconizadas por Le Corbusier tomaram corpo na sua feição monumental pela primeira vez”. (COSTA, 1962) A verdadeira arquitetura contemporânea nacional ramificava-se a partir deste milagre e de um gênio, Oscar Niemeyer, que, encontrando novo vocabulário plástico, impôs rumo diferente à arquitetura. E ela, distinta do resto da produção contemporânea, era identificável como “manifestação de caráter local”, já que renovava a nossa própria tradição, e, fundamentalmente, por que expressava a nossa própria personalidade nacional.

O livro de Mindlin corroborava esta visão, mostrando na prática, os inúmeros exemplos. Mas não pretendia ser um livro de história. Este só seria publicado quase vinte após, de autoria de Yves Bruand, que permaneceu vinculado ao esquema interpretativo de Lucio Costa, e o lugar da habitação social será ocupado pela arquitetura do Pedregulho e louvado porque apresentava todos os elementos que identificavam a modernidade arquitetônica nacional.

O livro de Yves Bruand, “Arquitetura contemporânea no Brasil”, é dos manuais o trabalho mais exaustivo, podendo ser entendido como a contraparte moderna do trabalho do também francês Germain Bazin sobre a arquitetura religiosa nacional. (BAZIN, 1956-1958) Apesar de ser menos ideológico e propagandista do que Goodwin e Mindlin, cuja natureza dos trabalhos tinham caráter de divulgação, não deixou de se apoiar em matrizes ideológicas (quadro geográfico, determinismo técnico e determinismo histórico).³

Para Bruand, a questão da arquitetura brasileira não era social, nem mesmo econômica. O rápido crescimento econômico fez emergir uma elite que soube tirar partido dos progressos técnicos da construção civil e os interesses públicos ficaram em segundo plano. Neste contexto seria inútil esperar uma “arquitetura voltada para um planejamento global ou vinculado às grandes realizações sociais”. A escolha dos brasileiros de Le Corbusier como o grande mestre seria bastante lógica, já que resultante das condicionantes locais de florescimento da arquitetura

moderna nacional. As preocupações democráticas de Gropius jamais teriam lugar numa sociedade oligárquica e rural. Do mesmo modo, o refinamento tecnológico, baseado na mão-de-obra especializada e feita com materiais industrializados de Mies van der Rohe, seria impossível num país onde “nenhum desses princípios poderia ser resolvido satisfatoriamente”. De resto, Le Corbusier se tornou partida obrigatória para os grandes arquitetos como Lucio Costa e “foi motivada justamente pelo fato de que este [Le Corbusier] tratava os três problemas como se fossem um só, procurando uma simbiose entre os vários elementos.” (BRUAND, 1991, p. 22)

Logo, para Bruand, a crítica de Max Bill seria sem sentido, pois buscava algo que na arquitetura brasileira que ela não tinha:

Certos teóricos, como Max Bill, aproveitaram-se deste particular para condenar essa arquitetura como anacrônica, desvinculada das necessidades do mundo moderno e, conseqüentemente, inadaptada. Trata-se porém do juízo tendencioso e superficial de alguém que subordina o papel da arquitetura exclusivamente à sua função social e que não compreendeu nem quis compreender a realidade profunda do país, magnificamente refletida pela sua arquitetura. Teria sido uma heresia propor como modelo, ao Brasil, a obra de Gropius, que Bill considera o maior arquiteto contemporâneo, porque segundo ele, na obra de Gropius, tudo, até o menor detalhe, tem sua lógica, sua função imediata. (BRUAND, 1991, p. 22)

Respaldado pela rigorosa pesquisa que empreendeu informa que, na verdade, o Pedregulho que tanto encantou Max Bill, não estava ainda totalmente pronto quando o suíço o visitou. E é perspicaz em uma nota de rodapé afirmando que Bill teria incorrido no mesmo erro dos brasileiros, que havia criticado, se deixando levar pelas aparências, já que Pedregulho foi das poucas obras que visitou, e, que este, no início da década de 1950 não estava totalmente pronto: “o prédio principal, uma vez concluída a estrutura, ficou quase dez anos abandonado e assim estava quando o arquiteto suíço o visitou.” (BRUAND, 1991, p.22)

Para Bruand, os temas da transformação da sociedade por meio da habitação não estiveram, senão em raros momentos, na agenda dos arquitetos brasileiros:

³ Anotações da disciplina “Projeto moderno: historiografia e crítica”, ministrada pelo Prof. Dr. José Tavares Correia de Lira, no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU-USP, no primeiro semestre de 2008.

(...) houve uma desproporcionalidade entre a habitação de caráter social, cujos canteiros ficaram muito secundários e não deram origem senão a algumas poucas tentativas válidas (unidades habitacionais de Pedregulho e Gávea, de Reidy, projetos recentes de Artigas nos subúrbios de São Paulo) (...) (BRUAND, 1991, p. 375)

Mesmo Reidy não poderia receber o rótulo de arquiteto social. Ele não teria se especializado em nenhum gênero de arquitetura, e a idéia ser o mais social dos arquitetos brasileiros desenvolveu-se como oposição ao plasticismo da obra de Oscar Niemeyer. Na verdade, sendo o mais corbusiano do grupo, Reidy esforçou-se ao máximo para equilibrar as razões funcionais e estéticas. (BRUAND, 1991, p. 224)

Quanto ao Pedregulho, a posição de Bruand de pronto pode parecer ambígua. De um lado, exalta suas inúmeras qualidades como síntese brilhante de três elementos distintos: preocupações funcionais (controle da luz, ventilação contínua e circulação fácil), adoção dos princípios da estética de Le Corbusier, corrigida pelo toque brasileiro de Lucio Costa e Oscar Niemeyer. Porém, de outro, é claro em afirmar que o Pedregulho não logrou o sucesso que seu autor desejou, em razão do desinteresse da administração pública, bem como do setor privado. No entanto, tais assertivas se vistas à luz do seu entendimento sobre o verdadeiro caráter da arquitetura nacional, determinado pelos condicionantes históricos e culturais, em que era quase impossível a existência de arquitetura social, elas ganham sentido. O valor maior do Pedregulho era sua qualidade estética, em que o repertório de elementos ditos nacionais aparece com exuberância imbatível:

Pedregulho oferece uma síntese brilhante e cuidadosamente elaborada, onde se fundem intimamente três elementos de origens distintas: as preocupações funcionais, já presentes nas primeiras obras de Reidy (exposição favorável, controle da luz, ventilação contínua, circulação fácil), conservam seu papel essencial, mas a solução desses problemas agora está ligada à adoção dos princípios e da estética de Le Corbusier, corrigida pelo toque brasileiro que lhes souberam dar Lúcio Costa e Niemeyer. (BRUAND, 1991, p. 225)

Afinal, o Pedregulho

Os trabalhos de Goodwin e de Mindlin analisados neste artigo foram contemporâneos às próprias arquiteturas, tendo caráter de divulgação das mesmas, e foram fontes fundamentais para a construção de dada versão historiográfica. (TINEM, 2006, p. 20) Já o livro de Bruand estrutura a narrativa da história da arquitetura nacional e sela o destino da habitação social na historiografia. Outros trabalhos de história da arquitetura fruto de perspectivas bastante distintas (SANTOS, 1981; REIS FILHO, 1997; FISCHER & ACAYABA, 1982),⁴ não fazem menções dissonantes desta narrativa. O Pedregulho segue sendo o mais importante exemplar de habitação social moderna, ainda que Nestor Goulart e Lemos mostrem vilas da virada do século e os problemas de moradia decorrentes do crescimento urbano e das transformações da sociedade. Ou, ainda, que Goulart apresente o Pedregulho ao lado do Louveira e do Parque Guinle como exemplos singulares dos desafios aos problemas de implantação da arquitetura urbana no século XX. Ou mesmo ainda que Sylvia Fischer e Marlene Acayaba mostrem as experiências Acácio Gil Borsó no projeto de Cajueiro Seco ou do Conjunto Zezinho Magalhães de Artigas.

Pode-se constatar que os conjuntos residenciais de cunho moderno no Brasil embora apareçam no texto inaugural de Goodwin, não foram investidos de sentido maior na narrativa historiográfica que tratamos que estudar ao longo deste trabalho. Portanto, quando Max Bill estrutura suas críticas, era como se Realengo, Vila Guiomar, Olaria, entre outros, não tivessem existido. E quando Bruand é seguro em afirmar que pouco ou nada se realizou sobre o tema no Brasil além das obras Reidy (fazendo breve menção a Artigas), espalha a convicção de que, com efeito, os temas do habitar, embora lembrando serem muito importantes para o Brasil, não foram, e nem poderiam ter sido, endereçados pelos modernistas nacionais, já que restringidos pelo próprio contexto cultural e econômico.

Exaltado por ser a síntese do moderno nacional, o Pedregulho consagrou-se como monumento ao lado MESP e da Pampulha. Teria servido, talvez, a inúmeras discussões acerca da própria natureza do moderno nacional, como função social e formalismo

⁴ “Quatro séculos de arquitetura”, de Paulo Santos, foi escrito a partir de uma série de conferências a propósito do quarto centenário da cidade do Rio de Janeiro, e segue as balizas cronológicas dos anteriores, ainda que dê maior atenção ao eclético e sentido bem diverso para o neocolonial do que havia dado Lucio Costa. Os livros de Lemos e de Nestor Goulart são os mais distintos do resto do grupo. Lemos propõe enfoque antropológico para a análise da arquitetura, dando papel decisivo às técnicas, ao partido e aos programas. Já o de Goulart é pioneiro no estudo das relações entre urbanismo e arquitetura. Ao estudar as transformações no lote urbano, mostra as mudanças na sociedade e nos objetos arquitetônicos. O livro de Fischer & Acayaba foi escrito nos anos 80, década que inaugura os revisionismos da arquitetura brasileira.

ou caráter local e internacional. Imerso no unívoco debate e na narrativa operativa da história da arquitetura brasileira, não foi dissonante naquilo que se elegeu como singular. Tornou-se simbólico, único, no que a arquitetura nacional não teria tido como preocupações centrais, mas monumento, exemplo, naquilo que nos singularizava.

Referências bibliográficas

- ANTUNES, Carlos. A arquitetura moderna brasileira e o projeto de habitação popular (1940-1950). Dissertação (Mestrado) FAU-USP. São Paulo: 1997.
- BAZIN, Germain. *L'Architecture Religieuse Baroque au Brésil*. Paris: Librairie Plon, 1956-1958.
- BONDUKI, Nabil. Origens da habitação social no Brasil. *Arquitetura Moderna, Lei do Inquilinato e Difusão da Casa Própria*. São Paulo: Estação Liberdade/FAPESP, 1998.
- BOTAS, Nilce C. Aravecchia. Entre o progresso técnico e a ordem política: arquitetura e urbanismo na ação habitacional do IAPI. Tese (Doutorado) FAU-USP. São Paulo, 2011.
- BOTAS, Nilce Cristina Aravecchia & NASCIMENTO, Flávia Brito. "O Conjunto Residencial da Penha: a arquitetura moderna e embates entre racionalidade e expressividade". 8º Seminário DOCOMOMO Brasil, Anais do. Rio de Janeiro: DOCOMOMO, 2009.
- BRUAND, Yves. *Arquitetura contemporânea no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1991. 2ª edição.
- BRUNA, Paulo. *Os Primeiros Arquitetos Modernos. Habitação Social no Brasil 1930-1950*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.
- BUENO, Guilherme. Interpretando el conjunto residencial del Pedregulho. Miradas historiográficas sobre la arquitectura moderna entre 1950 y 1960. In: I Congreso Internacional de Historiografía de la Arquitectura, Anais do. Cidade do México: (cd-room), 2003.
- CAMARGO, Mônica Junqueira de. Brazilian presence in the historiography of twentieth century architecture. (A presença brasileira na historiografia do século XX). *Docomomo*, Paris, nº 34, mar. 2006. pp. 66-71.
- CAVALCANTI, Lauro (org.). *Casas para o povo*. Dissertação (Mestrado) Museu Nacional. Rio de Janeiro, 1987.
- COSTA, Lucio. "Depoimento de um arquiteto carioca". In: *Sobre Arquitetura*. Porto Alegre: Centro de Estudantes Universitários de Arquitetura, 1962.
- FICHER, Sylvia; ACAYABA, Marlene. *Arquitetura moderna brasileira*. São Paulo: Projeto, 1982.
- GIEDION, S. "O Brasil e a arquitetura contemporânea". In: MINDLIN, Henrique. *Arquitetura moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- GOODWIN, Philip. *Brazil Builds. Architecture New and Old 1652-1942*. Nova York: The Museum of Modern Art, 1943.
- LEMOS, Carlos Alberto C. *Arquitetura brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1979.
- LEMOS, Carlos Alberto C. "Arquitetura contemporânea". In: ZANINI, Walter (org.). *História Geral da Arte no Brasil*. Vol. II. São Paulo: Instituto Moreira Salles/Fundação Djalma Guimarães, 1983.
- LEONÍDIO, Otávio. *Carradas de Razões. Lucio Costa e a Arquitetura Moderna Brasileira*. Rio de Janeiro: PUC-RJ / Edições Loyola, 2007.
- MARTINS, Carlos. "Hay algo de irracional..." In: *Block*, nº4, dez 1999, pp. 8-22.
- MINDLIN, Henrique. *Arquitetura moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- MINDLIN, Henrique. *Modern architecture in Brazil*. Rio de Janeiro/Amsterdam: Colibri, 1956.
- NASCIMENTO, Flávia Brito do. *Blocos de memórias: habitação social, arquitetura moderna e patrimônio cultural*. Tese (Doutorado) FAUUSP. São Paulo: 2011.
- _____. *Entre a estética e o hábito: o Departamento de Habitação Popular (Rio de Janeiro, 1946-1960)*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal das Culturas, Coordenadoria de Documentação e Informação Cultural, Gerência de Informação, 2008.
- PEREIRA, Miguel Alves. Prefácio. In: FICHER, Sylvia; ACAYABA, Marlene. *Arquitetura moderna brasileira*. São Paulo: Projeto, 1982.
- QUEZADO-DECKER, Zilah. *Brazil built: the architecture of the modern movement in Brazil*. Londres/Nova York: Spon Press, 2001.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. *Quadro da arquitetura no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1997. 8ª edição.
- SANTOS, Paulo F. *Quatro séculos de arquitetura*. Rio de Janeiro: IAB, 1981.
- TINEM, Nelci. *O alvo do olhar estrangeiro: o Brasil na historiografia da arquitetura moderna*. João Pessoa: Editora Universitária, 2006. 2ª edição.
- TOURNIKIOTIS, Panayotis. *The historiography of modern architecture*. Cambridge: The MIT Press, 1999.